

PLANTEI JILO DEU AMOR  
[ Ronco de motor de barco ]

[ Homem ]  
Aqui dá ladrão, veio!  
Abri!  
Aí, deu certinho!  
[ Falatório ]

Me dá o saco aí!  
Vai!

[ Falatório continua ]

[ Roncos de motores ]

[ Homem cantando ]

§ Beira-mar, ê, Beira-mar §  
§ Beira-mar, ê, Beira-mar §  
§ Riacho só corre pro rio        O rio só corre pro mar §

[ Mulher cantando ]

§ Quem é aquela que vem lá §  
§ É a negra nagô cubambá §  
§ Sumbambá, sumbá lelê §  
§ É a negra nagô cubambá §  
§ Tomba aqui, tomba aculá §  
§ É a negra nagô cubambá §

[ Outra mulher ]

§ Ô meu sabiá §  
§ Bem-te-vi não tem coroa §  
§ Eu vou sambar    na casa de gente boa §

[ Outra mulher ]

§ Venha cá como quiser, ô jiló §  
§ Jiló, ô jiló §  
§ Como quiser venha cá, ô jiló §  
§ Jiló, ô jiló §  
§ Eu plantei jiló, não pegou §  
§ A chuva caiu, arrebentou §  
§ Eu cortei miudinho    Botei na panela §  
§ E sei que é jiló        Não é jiló, é berinjela §  
§ Jiló, ô jiló        Venha cá como quiser, ô jiló §

Meu nome é Dalva Damiana de Freitas.  
Nascida em Cachoeira,  
em 1927.  
Completei, minha filha, com muito orgulho e satisfação...  
que parece que sou uma menina de 15 anos!  
90 anos não "é" 90 dias, né?  
Então, eu me sinto feliz!  
Enquanto vida Deus        me der, eu estou aqui,  
fazendo as minhas homenagens a São Cosme,  
para que ele me dê        mais uns aninhos, né?  
Porque, eu já entrei nos 90!  
[ Dando muxoxo ] Eu queria entrar ainda...  
nos 200!

§ Música animada §

§

§

§

§

§

§ Marido, eu vou pro samba §

§ Mulher, eu lá não vou §

§ Marido, eu vou pro samba §

§ Mulher, eu lá não vou §

§ Se eu gostasse de zuada §

§ Trabalhava num trator §

§ Mulher, eu lá não vou §

§ Não vá Eu lá não vou §

§ Não vá que eu lá não vou §

§ Mulher, eu lá não vou §

§

[ Dalva ] Meus pais...

a geração deles foram oito filhos.

Uma vida muito mal passada,

porque meu pai era sapateiro, a minha mãe charuteira,

e minha avó, a mãe da minha mãe, era lavadeira.

Ela trabalhava na barreira, lavar roupa.

Essa vida não era felicidade,

porque todo mundo tinha que ajudar um ao outro.

Eu ia de manhã pra escola e quando eu vinha meio-dia,

eu ia ficar na fonte com minha avó.

A minha avó lavava a roupa,

eu lavava as meiazinhas, toalhinhas de prato.

Ela cantando coisinhas, e eu ali, junto com ela.

Ela ficava cantando assim:

§ Ô irerê, ô irará §

§ Ô irerê pancada de beira-mar §

Aí, eu também!

§ Ô irerê, ô irará §

§ Balança que pesa ouro Não pode pesar metal §

As horas que eu tinha pra brincar com as bonecas,

que eu não tinha boneca de louça,

nem boneca de celulose, mas boneca de pano!

Aquelas bonecas tristes, com os pescoços caídos.

E a gente tá feliz!

O cabelo do milho...

não tem aqueles cabelinhos?

Eu pegava, metia um pauzinho ali,

vestia e botava as bonecas pra dançar!

A loira, a branca, a preta, essas coisas toda!

Fazia o sambinha de roda com minhas bonecas!

Botava porção de boneca doida ali, coitadinha!

Botava aquela roda assim, e botava uma no meio,

pra dizer que era a sambadeira!

Botava...

Aí, ficava cantando, né?

Eu tirava uma, botava assim, dava umbigada na outra,

Eu mesma tirava, eu mesma botava.

Eu dava minhas risadas! A minha vida era essa!

Pai quis que eu estudasse pra ser professora.

Eu disse: "Eu não quero." Eu só estudei dois livros.

"Eu quero é trabalhar,"

"que é pra ajudar dia de sábado,"

"pra trazer coisas pra dentro de casa."

"Comida pra gente comer!"  
Olhe, eu tava com 14 anos,  
mas não ficava em canto nenhum,  
porque não tinha idade.  
Mas, Deus ajudou!  
Entrei na Dannemann aprendendo fazer charuto,  
e, após disso,  
teve uma greve lá, e fechou as portas.  
Aí, Suerdieck me convidou pra "vim" trabalhar.  
Eu vim trabalhar na Suerdieck e comecei a minha atividade.  
§ Música animada §

§  
§ Venha cá como quiser, ô jiló §  
§ Ô jiló §  
§ Como quiser venha cá, ô jiló §  
§ Ô jiló §  
§ Eu plantei jiló! Não pegou §  
§ A chuva caiu! Rebentou §  
§ Eu cortei miudinho! Botei na panela §  
§ Eu pensei que é jiló não é jiló, é berinjela §  
[ Dalva ] Dois por um era um...  
partia no meio e fazia dois charutos.  
Ele ganhava um, a gente ganhava o outro.  
Tinha a d. Alice e d. Eulina,  
eram duas irmãs, né, elas levavam merenda.  
Levavam quente frio de café pra gente tomar.  
Era um dedinho de café.  
Aquele dedinho de café  
era coisa muito boa pra gente!  
Ela entrava com aquele quente frio escondido.  
Botava lá na despensa,  
que era pra gente ir lá,  
cada um tomar seu golinho e voltar.  
E levava uma banana!  
Ela tirava uma rodinha de banana pra cada um!  
A gente mastigava aquela rodinha,  
tomava o golinho de café e vinha pra banca.  
Aí, quando foi nesse cujo dia,  
ela disse: "Olhe..."  
Ela levou maçã!  
Todo mundo comeu uma tirinha da maçã!  
Todo mundo ficou contente!  
Noutro dia, ela levou um mabaço,  
jiló mabaço.  
Ela disse: "Olhe, hoje, a merenda hoje é essa."  
Ela partiu as tirinhas,  
e todo mundo passou a comer.  
Chegou na minha hora, eu não quis.  
"Você não quer?"  
"Eu não quero."  
"Come! Todos os dias, você vai comer!"  
Eu disse: "Ô. d. Eulina,"  
"hoje, eu não quero."  
Mas, a minha preocupação é que tinha nada em casa.  
Não tinha nada pra meus filhinhos de manhã.  
Aí, as colegas: "Come, Dalva! Come!"  
Eu disse: "É! Dá cá, d. Eulina! Me dê!"  
Aí, quando ela me deu, eu olhei pro jiló, e fiz...  
§ Venha cá como quiser, ô jiló §  
§ Jiló, ô jiló §  
§ Como quiser, venha cá, ô jiló §  
§ Jiló, ô jiló §  
§ Eu plantei jiló, não pegou §

§ A chuva caiu, rebentou §  
§ Eu cortei miudinho, botei na panela §  
§ Eu pensei que é jiló não é jiló, é berinjela §  
"Aí, ó! Tá ouvindo?"  
"Ela rimou! Rimou!"  
§ Venha cá como quiser, ô jiló §  
§ Jiló, ô jiló §  
§ Como quiser, venha cá, ô jiló §  
§ Jiló, ô jiló §  
§ Eu plantei jiló! Não pegou §  
§ A chuva caiu! Rebentou §  
§ Eu cortei miudinho! Botei na panela §  
§ Eu pensei que é jiló não é jiló, é berinjela §  
Aí, pronto! Gravei no momento,  
e isso se tornou a história do jiló!  
Ele se tornou o hino do samba!  
Tinha samba "casa de vizinho".  
Aniversário...  
reza de São Cosme,  
que a gente ia na casa da vizinha, que ela chamava.  
Tinha que fazer aquilo por amor, por vontade.  
O que viesse na cabeça cantava!  
E, ninguém ensinava. Não, não!  
Era samba na "casa do vizinho".  
Mas, samba de roda pra ir na rua,  
a ideia foi minha!  
A ideia foi minha!  
Depois, eu disse: "Olhe,  
vou fazer um samba de roda."  
"Porque, não tem o samba que a gente faz dentro de casa?"  
"Eu vou fazer na rua."  
"Mas, não tem roupa!"  
Eu disse:  
"Do jeito que a roupa que minha avó usava,  
"eu vou fazer igualmente o uso da minha avó."  
A minha avó era irmã da "Boa Morte".  
Ela vestia saia,  
chinelos de chagrin,  
a bata, a camiseta,  
o pano da costa, o torso.  
Tudo que a baiana tinha,  
vovó também era antigamente.  
Aí, eu comecei a historiar.  
"Vão bora!"  
As meninas: "Eu não vou!"  
Eu disse: "Vambora fazer!"  
"Botar na rua pra gente brincar!"  
§ Música animada §

§

§

§

[ Ana ] Ela é muito ativa, né?  
É samba, era "as reza" os carurus...  
as festividades aqui de Cachoeira, com as colegas...  
as festas de Nossa Senhora D'Ajuda,  
Nossa Senhora do Rosário.  
Ela sempre passou alegria para a gente,  
mesmo nos momentos de crise, ela tava ali na resistência.  
Quando eu nasci, eu já encontrei a minha mãe  
no samba... com os colegas dela.

E aí a gente vem acompanhado, porque filho acompanha os pais.  
E aí não tem como deixar o samba.  
E aí...  
cresci, né... no samba,  
e tô aí até hoje  
tentando... segurar o samba,  
juntamente com a minha família...  
Era muito preconceito, ela era discriminada.  
Sofreu bastante, e por ser mulher...  
estar ali liderando.  
Os homi... tinha uns homens que queriam passar na frente dela,  
que achava que ela, por ser mulher,  
não poderia liderar o samba.  
Ela disse: "Não, quem criou foi eu...  
"foi no sufoco...  
"na fábrica.  
"Então, quem tem que liderar sou eu,  
"Porque só eu sei contar  
o porquê do samba."  
Quem armava o samba era eu mesma.  
Eu mesma que armava o samba, que saia pra rua,  
eu mesma que adquiria,  
eu mesma que sofria, que nem sovaco de aleijado,  
mas, graças a Deus, fiz a minha guerra e venci,  
que hoje, graças a Deus, todo mundo tem samba.  
Aí me prometeram uma surra!  
Pra me dar uma surra.  
Eu disse... "Prometeram uma surra.  
Querem me dar..."  
Porque diz que o pessoal ia muito comigo pelo meu samba.  
Aí eu disse...  
Botei num papel: "Querem me matar, gente, pelo que é meu."  
Aí eu fiz um samba!  
Aí eu botei...  
\$ Querem me matar, gente Pelo que é meu, gente \$  
\$ Pelo que é meu, gente Oh, pelo que é meu, gente! \$  
\$ Querem me matar, pelo... \$  
Aí, o povo enlouqueceu!  
\$ Oh, meu sabiá! Bem-te-vi não tem coroa \$  
\$ Vamos sambar \$  
\$ Na casa de gente boa \$  
\$ Meu sabiá, bem-te-vi não tem coroa \$  
[ Mariinha ] A gente começou a se conhecer  
na fábrica de charuto, na Suerdieck.  
E aí, a gente trabalhando...  
ela formou esse sambinha, dentro da fábrica mesmo.  
Aí nós participamos.  
Antigamente era na casa das pessoas.  
E a primeira pessoa aqui que botou o samba na rua foi Dalva.  
Quando diziam: "Ah, vai ter o samba de Dona Dalva."  
[ Rindo ] É badalado!  
Todo mundo quer ver.  
Especialmente o pessoal de Salvador...  
os lugares que já conhecem.  
O samba é uma coisa muito boa!  
O samba é uma coisa muito importante,  
é uma coisa de raiz...  
E a gente se sente bem.  
A gente pode estar... como tiver,  
mas a gente chega no samba, sente tanta animação...  
Sente outra...  
outra atração, né?  
Então, é isso que faz a gente participar do samba!

§ Música animada §

§

[ Walmir ] A dona Dalva...  
reproduz pra gente,  
o grito de liberdade de expressão através da música!  
Porque Dona Dalva inicia esse processo musical...  
ainda num processo escravagista,  
a gente acredita, mais elitizado,  
que são as fábricas de charuto.  
Então, ali mesmo na fábrica,  
naquela lida do dia a dia,  
começa então a nascer as suas mudinhas...  
o que a gente pode chamar hoje de músicas autorais.  
E, dona Dalva  
cantava ali... na fábrica de charuto, a sua vida.  
Cantava ali o seu lamento, a sua alegria...  
cantava ali suas realizações.  
Então, estava lá uma mulher, em uma fábrica de europeus,  
a verdade é essa...  
buscando a sua sobrevivência...  
e querendo...  
reproduzir a sua cultura  
através da música,  
através da sua manifestação musical!  
Se hoje a gente já está percebendo e sentindo,  
a via do preconceito diante dos nossos olhos e nariz,  
imagine aquela época!  
Mas ela conseguiu superar... superar tudo isso  
e vim para este mundo mais contemporâneo,  
mas mostrando pra gente que a força da mulher,  
que o empoderamento, a guerrilha da mulher...  
em uma sociedade de uma mulher com muitos filhos,  
de uma mulher sem a presença de um homem, do marido.  
Então o que eu posso dizer...  
desse ser iluminado?  
Desse ser usado por Olorum,  
desse ser usado por Obaluaê?  
Que é uma estrela... a estrela Dalva!

§

[ Xavier ] Quando a gente veio aqui pra implantar a universidade,  
eu tive a convicção de que era fundamental  
que a gente pudesse incluir  
dentro da universidade,  
as pessoas que são pessoas marcantes da cultura popular.  
E sabemos que no Brasil ainda tem certa resistência,  
no que diz respeito a esses mestres dos saberes populares,  
e a reconhecer neles figuras emblemáticas  
e fundamentais da cultura do país.  
E acontece que Dona Dalva,  
sintetiza... nela  
os aspectos mais importantes da cultura local.  
Então ela é uma mulher negra  
que trabalhou a vida toda na indústria fumageira.  
Ela é uma mulher negra do Candomblé.  
É uma mulher negra da irmandade da Boa Morte.  
E obviamente, é também, a mantenedora do samba de roda.  
Então, nesse processo todo que envolveu...  
Iphan, Unesco ao longo dos últimos 10/15 anos,  
para o samba de roda se tornar a primeira expressão musical  
reconhecida como patrimônio material da Unesco.

No Brasil, ela tem um papel de protagonista incrível!  
Foi um ano e meio de instrução do dossiê,  
pra que, finalmente, a UFRB,  
a Universidade Federal do Recôncavo Baiano,  
outorgue o primeiro título de Doutora Honoris Causa,  
justamente à d. Dalva.  
Esse título é uma honra para a Universidade.  
Muito mais do que no sentido contrário.  
O que eu quero dizer é que o brilho dessa senhora...  
fantástica, maravilhosa,  
vem derramar, sabe...  
a sua sabedoria e beleza pra nossa universidade.  
É uma guerreira, heroína,  
uma pessoa que o Brasil tem que conhecer.  
Foi muita coisa, viu!  
O pessoal vinha aqui...  
todos os dias...  
[ Rindo ] me entrevistar...  
conversar comigo, mas eu não tava entendendo nada!  
Aí eu indo na rua, um cidadão me disse:  
"Você vai receber o título de Doutora Honoris Causa."  
Eu digo: "Eu?! Eu receitei quem?!  
Doutora o quê? Que conversa é essa? Eu não sei de nada."  
Foi uma glória, uma coisa muito...  
bonita, muito fantástica!  
E foi muito gratificante.  
Um honra pra mim...  
e pra minha família, e pra Cachoeira!  
Porque a Cachoeira recebeu aquilo dado por mim,  
uma Doutora Honoris Causa!  
Que eles nunca tiveram aqui na Cachoeira,  
uma mulher negra,  
que obtivesse...  
esse cargo que eu tive: Doutora Honoris Causa.  
[ Rindo ] Eu digo: "Eu sou doutora!  
Não receitei ninguém, mas eu sou doutora!".  
§  
Com a minha personalidade...  
eu digo: "Sou bonita mesmo,  
sou baiana, ninguém me tira."  
Mesmo depois de morta, meu nome fica na história.  
Sou a baiana que vou ficar na história na Cachoeira.  
Baiana é ser baiana com orgulho.  
Eu sou muita coisa.  
Baiana não é só o nome baiana.  
é preservado o amor...  
a antiguidade, o sucesso da semana.  
Que quando a gente bota o terno na rua, canta assim:  
§ Você é o sucesso da semana §  
§ Ó baiana! Ó baiana! §  
§ Você tem muitas coisas que mulher nenhuma tem §  
§ Que que a baiana tem? Na América do Sul... §  
§ Na América do Norte O estribilho popular §  
§ Teu nome é tão gentil Foi Deus quem te fez formosa §  
§ Para fazer mais o reclame do Brasil, você! §  
Ela deu uma entrevista,  
que foi publicada na revista "Viver Bahia",  
em 1980...  
Então antes de eu nascer.  
Aí chegou numa parte que tinha uma reportagem:  
"Dona Dalva: da fábrica ao samba de roda",  
gente, eu fiquei feliz demais!  
Porque... até esse material que minha avó guardava  
foram minhas referências de leitura sobre ela, o samba...

Não é?!

E eu sentia... eu fiquei tão feliz de ler!

Eu me lembro assim, eu criança, lendo,  
falava: "A vó é importante!".

Eu me sinto uma mulher honrada...

de estar na família que eu tô, eu me sinto honrada!

A minha família, né... Dona Dalva me traz muito  
com as culturas populares tradicionais.

Agradeço muito pela família que eu nasci.

Acho que por ser neta de Dona Dalva...

que ela não fez faculdade, nem terminou os estudos

Então isso de valorizar o que a gente tem,

da gente se valorizar como a gente é.

Então, se a gente...

se a gente nasceu-- como ela fala assim:

"Eu tenho orgulho de mim.

"Tanto faz eu tá bem vestida ou não, eu tenho orgulho de mim!

"Eu sou uma mulher negra, sou irmã da Boa Morte...

eu sou sambadeira!"

Então... é isso!

Essa forma da gente se valorizar, né?

Valorizar o lugar que somos, as pessoas que estão conosco.

§ Lá do fundo do quintal §

[ Homem ] Ela tem um hino e esse hino se chama:

"O samba não pode morrer, o samba não pode acabar".

E ela tem uma palavra com...

com o pandeiro e uma viola...

o samba está na roda.

§ Canta, passarinho §

[ Dalva ] As "taubinhas" porque...

nós usamos toda a vida--

O samba de cá foi tudo feito na palma da mão, né?

Mas através, nós, lá da fábrica...

que nós temos, olhe...

[ Pigarreando ] A "táuba"...

é o nosso caderno, sabia?

Onde a gente abre pra fazer o charuto...

ali é uma "táuba", é um caderno.

O caqueiro...

que é onde tira a grude pra colar o charuto...

ali é meu tinteiro.

A faca é minha caneta.

E a "táuba" pra amaciar o charuto

é a borracha pra limpar.

Ali é o meu livro.

Meu livro do samba é esse.

Faz parte da minha vida, é minha história.

É minha leitura.

Esse é o meu caderno da minha felicidade.

Esse é o meu caderno...

[ Suspiro profundo ]

do meu título, que me deu:

Doutora Honoris Causa...

operária.

§

§

§ Passarinho tava cantando lá no fundo do quintal §

§ Passarinho tava cantando lá no fundo do quintal §

§ Quando eu olhei pra trás §  
§ Passarinho quer voar §  
§ Quando eu olhei pra trás §  
§ Passarinho quer voar §  
§ Voa, passarinho! §  
§ Voa, passarinho,           passarinho quer voar §  
§ Canta, passarinho §  
§ Canta, passarinho §